

Participação da Juventude Rural é fundamental para fortalecer famílias e territórios



Foto: Manuela Cavadas/ CAR

No povoado de Travessão, zona rural de Campo Alegre de Lourdes, no território do Sertão do São Francisco – Bahia, a família de Naldo, Ivone e sua filha Tamires mostra como a unidade familiar é mais do que um espaço de produção de alimentos: é um lugar de novos sentidos de união e responsabilidade. Naldo e Ivone trabalham juntos na terra desde 1996, quando se casaram. O acesso à água foi um desafio no início, como é comum no semiárido, mas foi superado com a chegada das cisternas. "Quando veio a cisterna, foi uma bênção", relembra Ivone, que tem na propriedade uma cisterna de primeira água, construída pela própria família, e um barreiro trincheira.

A nova infraestrutura possibilitou irrigar pequenas áreas e diversificar a produção, abrindo caminhos para a comercialização. "A gente produz alimentos saudáveis, vende na feira... No início foi difícil porque as pessoas não conheciam bem nossos produtos, mas foram começando a comprar, um indicou pro outro e hoje vendemos para o PNAE, na feira, e fazemos entrega domiciliar. O pessoal liga pedindo galinha caipira, tapioca... Sabem que tudo que temos é de qualidade", conta Naldo.

Nesse contexto, Tamires começou a participar de encontros e formações sobre agroecologia e trouxe novas ideias para casa. No início, a comercialização direta, os mercados institucionais e a certificação agroecológica pareciam distantes da realidade deles. Mas Tamires começou a organizar e mostrar possibilidades. A família passou a se envolver mais em associações locais e espaços de discussão sobre políticas públicas. Com o incentivo da filha, integraram cooperativas e programas de comercialização. "A juventude tem um olhar diferente, mais aberto para essas novas oportunidades", diz Ivone, com orgulho.

Tamires também passou por um processo de descoberta. "Sempre estive envolvida com agricultura, mas não me identificava como agricultora. Fui estudar Ciências da Natureza, mas não me via dando aula. Queria algo que fizesse sentido para mim. Quando percebi que a agroecologia era esse caminho, comecei a assumir meu papel na propriedade e nas reuniões. Trouxe inovações, como a cobertura vegetal, porque antes tudo era muito 'limpo', sem mato. Vi em cursos e experiências que essa abordagem melhora o solo. Também trouxe informações das redes sociais e canais especializados, como o do Antônio Gomides, que inspirou bastante meu pai. Hoje tenho orgulho de dizer que sou agricultora. Tenho o CAF e estou totalmente envolvida na produção e na gestão", relata a jovem.



Foto: Manuela Cavadas/ CAR



Foto: Manuela Cavadas/ CAR

A participação da juventude também transformou a dinâmica familiar. "Confiamos muito nas inovações trazidas por Tamires. Somos parceiros na propriedade e fazemos tudo juntos. Até na venda pelo PNAE, dividimos os ganhos igualmente", destaca Ivone. Para Naldo, essa parceria é essencial. "Muitos pais veem os filhos como concorrentes, mas aqui é diferente. Aceitamos que cada um tem um papel. Eu foco na produção e a Tamires assume as reuniões e a organização. Isso fortalece nossa família e a comunidade", reflete.



Foto: Manuela Cavadas/ CAR

A propriedade da família é referência na produção agroecológica e exemplo de como a troca de saberes entre gerações fortalece a agricultura familiar. "Isso é fundamental, aceitar que seu filho e sua filha façam parte da família, no sentido de participação de verdade. Não existe isso de um sentar no lugar do outro, tem lugar pra todo mundo. Se eu fosse um pai machista e autoritário, ia dizer que quem manda sou eu, né? Mas temos que aceitar que tem funções que os jovens estão mais preparados, têm mais facilidade. Precisamos ter a juventude assumindo funções e responsabilidades se quisermos chegar mais longe", conclui Naldo.